

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

JUNHO DE 1866

Nº 6



Monomania Incendiária Precoce

ESTUDO MORAL

Lê-se no *Salut public* de Lyon, de 23 de fevereiro de 1866:

“A questão médico-legal da monomania homicida e da monomania incendiária, diz o *Moniteur judiciaire*, foi agitada e ainda o será muitas vezes, conforme toda a probabilidade, diante dos tribunais e das cortes de apelação.

“A propósito da monomania incendiária, podemos citar uma criança de Lyon, atualmente com quatro anos e meio, filho de honestos operários da seda, domiciliados em Guillotièrre, que parece trazer, no último grau, o instinto do incêndio. Apenas seus olhos se abriam à luz e a visão das chamas parecia alegrá-lo. Aos dezoito meses sentia prazer em acender fósforos; aos dois anos punha fogo nos quatro cantos de um colchão e destruía em parte o modesto mobiliário de seus pais. Hoje, às reprimendas que lhe fazem, só responde com ameaças de incêndio, e ainda na semana passada tentava, com um pouco de palha e pedaços de papel, incendiar a alcova onde dormem seus pais.

“Deixemos aos especialistas o cuidado de pesquisar as causas de tal monomania. Se ela não desaparecesse com a idade, que sorte estaria reservada ao infeliz que por ela é atingido?”

O autor do artigo diz que deixa aos *especialistas* o cuidado de pesquisar as causas de tal monomania. De que especialistas quer falar? Dos médicos em geral, dos alienistas, dos sábios, dos frenologistas, dos filósofos ou dos teólogos? Cada um deles vai encarar a questão do ponto de vista de suas crenças materialistas, espiritualistas ou religiosas. Os materialistas, negando todo princípio inteligente distinto da matéria, são incontestavelmente os menos aptos a resolvê-la de maneira completa. Fazendo do organismo a única fonte das faculdades e das tendências, reduzem o homem a uma máquina movida fatalmente por uma força irresistível, sem livre-arbítrio e, por conseguinte, sem responsabilidade moral de seus atos. Com um tal sistema, todo criminoso pode desculpar-se com sua constituição, pois dele não dependeu fazê-la melhor. Numa sociedade onde tal princípio fosse admitido como verdade absoluta, não haveria culpados, moralmente falando, e seria tão ilógico levar os homens à justiça quanto os animais.

Não falamos aqui senão das conseqüências sociais das doutrinas materialistas; quanto à sua impotência para resolver todos os problemas morais, ela está suficientemente demonstrada. Dir-se-á, com alguns, que as tendências são hereditárias, como os vícios de constituição? Opor-se-lhes-iam os inumeráveis fatos em que os pais mais virtuosos têm filhos instintivamente viciosos, e reciprocamente. No caso que nos ocupa, é notório que a criança não herdou sua monomania incendiária de nenhum membro da família.

Sem dúvida os espiritualistas reconhecerão que essa tendência se deve a uma imperfeição da alma ou Espírito, mas não deixarão de ser detidos por dificuldades insuperáveis, apenas com

os elementos que hoje se possuem. E a prova de que os dados atuais da Ciência, da Filosofia e da Teologia não fornecem nenhum princípio sólido para a solução dos problemas desta natureza, é que não há um só que seja bastante evidente, suficientemente racional para ligar a maioria, e que se está reduzido às opiniões individuais, todas divergentes umas das outras.

Os teólogos que admitem como artigo de fé a criação da alma no nascimento de cada corpo, são, talvez, os mais embaraçados para conciliarem essas perversidades nativas com a justiça e a bondade de Deus. Conforme sua doutrina, eis, pois, uma criança concebida com instinto incendiário, votada, desde a sua formação, ao crime e a todas as suas conseqüências, para a vida presente e para a vida futura! Como há crianças instintivamente boas e más, então Deus criou almas boas e outras más? É a conseqüência lógica. Por que essa parcialidade? Com a doutrina materialista o culpado se desculpa com a sua organização; com a da Igreja, pode apegar-se a Deus, dizendo que não é sua falta se ele o criou com defeitos.

É de admirar que haja pessoas que renegam Deus quando o mostram injusto e cruel em seus atos, parcial para com as suas criaturas? É a maneira pela qual a maior parte das religiões o representa que faz os incrédulos e os ateus. Se dEle sempre se tivesse feito um quadro em todos os pontos conciliável com a razão, não haveria incrédulos; é por não poder aceitá-lo tal qual o fazem, que tanta gente procura fora dele a explicação das coisas.

Todas as vezes que a Teologia, pressionada pela inexorável lógica dos fatos, se acha num impasse, refugia-se atrás destas palavras: “Mistério incompreensível!” Pois bem! A cada dia vemos levantar-se uma ponta do véu do que outrora era mistério, e a questão que nos ocupa está neste número.

Esta questão está longe de ser pueril e seria erro aí não ver senão um fato isolado, ou, se quiserem, uma anomalia, uma

bizarrice da Natureza, sem conseqüência. Ela toca em todas as questões de educação e de moralização da Humanidade e, por isto mesmo, nos mais graves problemas de economia social. É pesquisando a causa primeira dos instintos e das inclinações inatas que se descobrirão os meios mais eficazes de combater os maus e desenvolver os bons. Quando esta causa for conhecida, a educação possuirá a mais poderosa alavanca moralizadora que jamais teve.

Não se pode negar a influência do meio e do exemplo sobre o desenvolvimento dos bons e dos maus instintos, porque o contágio moral é tão manifesto quanto o contágio físico. Contudo, essa influência não é exclusiva, pois se vêem seres perversos nas mais honradas famílias, ao passo que outros saem puros do lameiro. Há, pois, incontestavelmente, disposições inatas, e se tivéssemos dúvida, o fato que nos ocupa disso seria uma prova irrecusável. Assim, eis uma criança que, antes de saber falar, se compraz à vista da destruição pelo fogo; que, aos dois anos, incendia voluntariamente um mobiliário, e que, aos quatro anos, compreende de tal modo o que faz, que responde às reprimendas com ameaças de incêndio.

Ó vós todos, médicos e sábios que pesquisais com tanta avidez os menores casos patológicos insólitos, para deles fazer objeto de vossas meditações, por que não estudais com o mesmo cuidado esses fenômenos estranhos que se pode, com razão, qualificar de patologia moral! Por que não vos inteirais deles, nem lhes descobris a fonte! Com isto a Humanidade ganharia, pelo menos tanto quanto pela descoberta de um filete nervoso. Infelizmente, a maioria dos que não desdenham ocupar-se com essas questões o fazem partindo de uma idéia preconcebida, à qual tudo querem sujeitar: o materialismo às leis exclusivas da matéria, o espiritualismo à idéia que faz da natureza da alma, conforme suas crenças. Antes de concluir, o mais sensato é estudar todos os sistemas, todas as teorias, com imparcialidade, e ver o que resolve melhor e mais logicamente o maior número de dificuldades.

A diversidade das aptidões intelectuais e morais inatas, independentes da educação e de toda aquisição na vida presente é um fato notório: é o conhecido. Partindo desse fato para chegar ao desconhecido, diremos que se a alma for criada ao nascimento do corpo, torna-se evidente que Deus cria almas de todas as qualidades. Ora, sendo tal doutrina inconciliável com o princípio da soberana justiça, forçosamente deve ser afastada. Mas se a alma não for criada ao nascimento do indivíduo, é que existia antes. Com efeito, é na preexistência da alma que se encontra a única solução possível e racional da questão e de todas as anomalias aparentes das faculdades humanas. As crianças que instintivamente têm aptidões transcendentais para uma arte ou uma ciência, que possuem certos conhecimentos sem os haver aprendido, como os calculadores naturais, como aqueles aos quais a música, ao nascer, parece familiar; esses lingüistas natos, como uma senhora da qual teremos, mais tarde, ocasião de falar e que, aos nove anos, dava lições de grego e de latim aos seus irmãos, e aos doze lia e traduzia o hebraico, devem ter aprendido estas coisas em algum lugar; já que não foi nesta existência, deve ter sido em outra.

Sim, o homem já viveu, não uma, mas talvez mil vezes; em cada existência suas idéias se desenvolveram; adquiriu conhecimentos, dos quais traz a intuição na vida seguinte, e que o ajudam a adquirir novas. Dá-se outro tanto com o progresso moral. Os vícios de que se desfez não aparecem mais; os que conservou se reproduzem até que deles se tenha corrigido definitivamente.

Numa palavra, o homem nasce tal qual se fez ele próprio. Os que viveram mais, adquiriram mais e aproveitaram melhor são mais adiantados que os outros; tal é a causa da diversidade dos instintos e das aptidões que se notam entre eles; tal é, também, a razão pela qual vemos, na Terra, selvagens, bárbaros e homens civilizados. A pluralidade das existências é a chave de uma imensidão de problemas morais e é por não haver conhecido este princípio que tantas questões ficaram insolúveis.

Que o admitam apenas a título de hipótese, se quiserem, e verão aplainar-se todas essas dificuldades.

O homem civilizado chegou a um ponto em que não mais se contenta com a fé cega; quer dar-se conta de tudo, saber o porquê e o como de cada coisa; preferirá, pois, uma filosofia que explica, à que nada explica. Aliás, a idéia da pluralidade das existências, como todas as grandes verdades, germina numa porção de cérebros, fora do Espiritismo; e como satisfaz à razão, não está longe o tempo em que será posta entre as leis que regem a Humanidade.

Que dirão agora da criança objeto deste artigo? Seus instintos atuais se explicam por seus antecedentes. Nasceu incendiário, como outros nasceram poetas e artistas, porque, sem a menor dúvida, foi incendiário em outra existência e lhe conservou o instinto.

Mas então, perguntarão, se cada existência é um progresso, na presente o progresso é nulo para ele.

Isto não é uma razão. De seus instintos atuais não se deve concluir que o progresso seja nulo. O homem não se despoja subitamente de todas as suas imperfeições. Essa criança provavelmente teria outras, que a tornavam pior do que é hoje. Ora, ainda que só tivesse avançado um passo, mesmo que tivesse apenas o arrependimento e o desejo de melhorar-se, seria sempre um progresso. Se esse instinto nele se manifesta de maneira tão precoce e para desde cedo chamar a atenção sobre as suas tendências, a fim de que os pais e os que forem encarregados de sua educação se empenhem em reprimi-las antes que se desenvolvam. Talvez ele mesmo tenha pedido que assim fosse, e de nascer numa família honrada, pelo desejo de progredir.

É uma grande tarefa para seus pais, pois é uma alma extraviada que lhes é confiada para ser conduzida ao reto caminho,

e grande seria sua responsabilidade se não o fizessem, com esse objetivo, tudo quanto estivesse em seu poder. Se seu filho ficasse doente, cuidariam dele com solicitude. Devem olhá-lo como atacado por uma moléstia moral grave, que requer cuidados não menos assíduos.

De acordo com todas essas considerações, cremos sem vaidade que os Espíritos são os melhores especialistas em tal circunstância, porque se dedicam ao estudo dos fenômenos morais e os apreciam, não segundo idéias pessoais, mas conforme leis naturais.

Tendo sido esse fato apresentado à Sociedade de Paris como tema de estudo, foi feita aos Espíritos a seguinte pergunta:

Qual a origem do instinto incendiário precoce nesta criança, e quais seriam os meios de o combater pela educação?

Foram dadas quatro respostas concordantes. Citaremos apenas as duas seguintes.

(Sociedade de Paris, 13 de abril de 1866 – Médiun: Sr. Br...)

I

Perguntais qual foi a existência dessa criança que mostra uma inclinação tão precoce para a destruição e, particularmente, para o incêndio. Ai! seu passado é horrível e suas tendências atuais vos dizem bastante o que ele pôde fazer. Veio para expiar, e deve lutar contra seus instintos incendiários. É uma grande provação para os pais, que estão constantemente sob os golpes de suas más ações, e não sabem como reprimir essa funesta inclinação. O conhecimento do Espiritismo lhes seria um poderoso auxílio, e Deus, em sua misericórdia, lhes concederá esta graça, porque é só por este conhecimento que se pode esperar melhorar esse Espírito.

Esta criança é uma prova evidente da anterioridade da alma à encarnação presente. Como vedes, esse estranho estado moral desperta a atenção e faz refletir. Deus se serve de todos os meios para vos fazer chegar ao conhecimento da verdade relativamente à vossa origem, vossa progressão e vosso fim.

Um Espírito

(Médium: Srta. Lat...)

II

O Espiritismo já representou um grande papel no vosso mundo, mas o que vistes é apenas o prelúdio do que estais chamados a ver. Quando a Ciência emudece diante de certos fatos e a religião também não pode resolver, o Espiritismo lhe vem dar a solução. Quando a Ciência falta aos vossos sábios, eles deixam a causa de lado, por falta de explicações suficientes. Em muitas circunstâncias as luzes do Espiritismo lhes poderiam ser de grande valia, notadamente neste caso de monomania incendiária. Para eles é um gênero de loucura, porque encaram todas as monomanias como loucura. Eis um grande erro. Aqui a Medicina nada tem a fazer; é aos espíritas que cabe agir.

É inadmissível para vós que essa inclinação para destruir pelo fogo date da presente existência; é preciso remontar mais alto e ver nas inclinações perversas dessa criança um reflexo de seus atos anteriores.

Além disso, ele é impelido pelos mesmos que foram suas vítimas, porquanto, para satisfazer à sua ambição, não recuou diante do incêndio, nem diante do sacrifício dos que lhe podiam fazer obstáculo. Numa palavra, está sob a influência de Espíritos que ainda não lhe perdoaram os tormentos que os fez sofrer. Esperam a vingança.

Tem como prova sair vitorioso da luta; mas Deus, em sua soberana justiça, colocou o remédio ao lado do mal. Com

efeito, esse remédio está em sua tenra idade e na boa influência do meio onde se acha. Hoje a criança nada pode no momento; cabe aos pais velar. Mais tarde ele próprio deverá vencer, e enquanto não for senhor de sua posição a luta se perpetuará. Seria preciso que fosse educado nos princípios do Espiritismo; aí colheria a força e, compreendendo a sua prova, teria mais vontade para triunfar.

Espíritos bons, encarregados de esclarecer os encarnados, volvei o olhar para esse pobre ser, cujo castigo é justo; ide a ele, ajudai-o, dirigi os seus pensamentos para o Espiritismo, a fim de que triunfe mais depressa e a luta seja vantajosa para ele.

Um Espírito

Tentativa de Assassinato do Imperador da Rússia

ESTUDO PSICOLÓGICO

Sob o título de *Notícias da Rússia – correspondência de São Petersburgo – o Indépendance belge* de 30 de abril dá um relato detalhado das circunstâncias que seguiram o atentado de que o czar foi objeto. Além disso, fala de certos indícios precursores do crime e contém a respeito a seguinte passagem:

“Conta-se que o governador de São Petersburgo, príncipe Souwouroff, tinha recebido uma carta anônima, assinada N.N.N., na qual alguém lhe oferecia, mediante certas indicações, desvendar um mistério importante, pedindo uma resposta na *Gazeta da Polícia*. A resposta apareceu; está assim concebida: ‘A chancelaria do general governador convida N.N.N. a vir amanhã, entre onze e duas horas, para dar certas explicações.’ Mas o anônimo não apareceu; enviou uma segunda carta, anunciando que era muito tarde e não estava mais livre para vir.

“O convite foi reiterado dois dias após o atentado, mas sem resultado

“Enfim, como último indício, algumas pessoas acabam de se lembrar que três semanas antes do atentado o jornal alemão *Die Gartenlaube* publicou o relato de uma *sessão espírita*, realizada em Heildelberg, na qual o *Espírito Catarina II* anunciava que o imperador Alexandre estava ameaçado por um grande perigo.

“Difícilmente se explica, depois de tudo isto, como a polícia russa não pôde ser instruída a tempo do crime que se preparava. Essa polícia, que custa muito caro, e que inunda de espíões inúteis todos os nossos círculos e assembléias públicas, não só foi incapaz de descobrir a tempo o complô, mas até de cercar o soberano com a sua vigilância, o que é elementar e de toda necessidade, sobretudo com um príncipe que sai quase sempre só, seguido de seu canzarrão; que faz passeios a pé nas horas matinais, sem estar acompanhado por um ajudante de ordem. No próprio dia do atentado, encontrei o imperador na Rua Millonaia, às nove horas e meia da manhã; estava completamente só e saudava com afabilidade os que o reconheciam. A rua estava quase deserta e os agentes de polícia muito raros.”

O que é, sobretudo, notável nesse artigo é a menção, sem comentário, do *aviso dado pelo Espírito Catarina II, numa sessão espírita*. Teriam posto este fato no número dos indícios precursores, se se tivessem considerado as comunicações espíritas como trapanças ou ilusões? Numa questão tão grave, teriam evitado fazer intervir uma crença considerada como ridícula. É uma nova prova da reação que se opera na opinião, a respeito do Espiritismo.

Temos de analisar o fato do atentado de outro ponto de vista. Sabe-se que o imperador deveu a sua salvação a um jovem camponês chamado Joseph Kommissaroff que, achando-se à sua passagem, desarmou o braço do assassino. Sabe-se, também, os

favores de toda natureza com que este último foi cumulado: foi nobilitado e as dádivas que recebeu lhe asseguram uma fortuna considerável.

O jovem se dirigia a uma capela, situada do outro lado do Neva, por ocasião de seu aniversário natalício; nesse momento começava o degelo e, porque a circulação estivesse interrompida, ele teve de renunciar ao seu projeto. Em decorrência desse fato, ficou na outra margem do rio e encontrou-se na passagem do imperador, que saía do jardim de verão. Tendo-se misturado à multidão, percebeu um indivíduo que tentava aproximar-se, e cujas atitudes lhe pareceram suspeitas; seguiu-o e, tendo-o visto tirar uma pistola do bolso e apontá-la para o imperador, teve a presença de espírito de lhe bater no braço, o que fez a arma disparar para o ar.

Que feliz acaso, dirão certas pessoas, que justo no momento o degelo tenha impedido Kommissaroff de atravessar o Neva! Para nós, que não acreditamos no acaso, mas que tudo está submetido a uma direção inteligente, diremos que estava nas provas do czar correr aquele perigo (Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXV, *Prece num perigo iminente*), mas, não tendo ainda chegado sua hora, Kommissaroff havia sido escolhido para impedir a consumação do crime, e as coisas, que parecem efeito do acaso, estavam combinadas para levar ao resultado desejado.

Os homens são os instrumentos inconscientes dos desígnios da Providência. É por eles que ela os realiza, sem que haja necessidade de recorrer a prodígios. Basta a mão invisível que os dirige e nada sai da ordem das coisas naturais.

Se é assim, dirão, o homem não passa de uma máquina, e suas ações são fatais. — Absolutamente, porque se for solicitado a fazer uma coisa, a isto não é constrangido; não deixa de conservar o livre-arbítrio, em virtude do qual pode fazê-la ou não, e a mão que o conduz fica invisível, precisamente para lhe deixar mais

liberdade. Assim Kommissaroff podia muito bem não ceder ao impulso oculto que o dirigia para a passagem do imperador; podia ficar indiferente, como tantos outros, à vista do homem suspeito; enfim, poderia ter olhado para outro lado no momento em que este último tirava a pistola do bolso. – Mas, então, se tivesse resistido a esse impulso, o imperador teria sido morto? – Também não; os desígnios da Providência não estão à mercê do capricho de um homem. A vida do imperador devia ser preservada; em falta de Kommissaroff, teria sido por outro meio; uma mosca poderia picar a mão do assassino, levando-o a fazer um movimento involuntário; uma corrente fluídica dirigida sobre ele poderia ter-lhe provocado uma ofuscação. Apenas se Kommissaroff não tivesse escutado a voz íntima que o guiava mau grado seu, teria perdido o benefício da ação que estava incumbido de realizar: eis tudo o que teria resultado. Mas se a hora fatal tivesse soado para o czar, nada poderia tê-lo preservado. Ora, os perigos iminentes que corremos têm por objetivo preciso mostrar-nos que nossa vida prende-se por um fio, que pode romper-se no momento em que menos pensamos e, assim, advertir-nos para estarmos sempre prontos para partir.

Mas, por que esse jovem camponês, e não um outro? Para quem quer que não veja nos acontecimentos um simples jogo do acaso, cada coisa tem sua razão de ser. Devia, pois, haver um motivo na escolha daquele rapaz e, ainda quando esse motivo nos fosse desconhecido, a Providência nos dá bastantes provas de sua sabedoria, para não duvidar que tal escolha tinha sua utilidade.

Tendo sido a questão apresentada como objeto de estudo, numa reunião espírita realizada em casa de uma família russa que residia em Paris, um Espírito deu a seguinte explicação:

(Paris, 1º de maio de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

Mesmo na existência do ser mais ínfimo, nada é deixado ao acaso. *Os principais acontecimentos de sua vida são*

determinados por sua provação: os detalhes são influenciados por seu livre-arbítrio; mas o conjunto da situação foi previsto e combinado antecipadamente por ele próprio e por aqueles que Deus escolheu para sua guarda.

No caso que aqui nos ocupa, as coisas se passaram segundo o curso ordinário. Sendo esse moço já avançado e inteligente, escolheu como provação nascer em condição miserável, depois de ter ocupado uma alta posição social; estando já desenvolvidas a sua inteligência e a sua moralidade, pediu uma condição humilde e obscura para destruir as últimas sementes do orgulho que nele havia deixado o espírito de casta. Escolheu livremente, mas Deus e os Espíritos bons se reservaram recompensá-lo na primeira manifestação de *devotamento desinteressado* e vedes em que consiste sua recompensa.

Resta-lhe agora, em meio às honrarias e à fortuna, conservar intacto o sentimento de humildade, que foi a base de sua nova encarnação; por isso, ainda é uma prova e uma dupla prova, na sua qualidade de homem e na sua qualidade de pai. Como homem, deve resistir ao arrebatamento de uma alta e súbita fortuna; como pai, deve preservar os filhos da arrogância dos novos-ricos. Pode criar-lhes uma posição admirável; pode aproveitar sua posição intermediária para deles fazer homens úteis ao seu país. Plebeus de nascimento, nobres pelo mérito de seu pai, poderão, como muitos dos que encarnam presentemente na Rússia, trabalhar poderosamente pela fusão de todos os elementos heterogêneos, pelo desaparecimento do elemento servil que, entretanto, durante muito tempo não poderá ser destruído de modo radical.

Nesta elevação há, sem dúvida, uma recompensa, mas ainda há uma prova. Sei que na Rússia o mérito recompensado encontra mercê diante dos grandes; mas lá, como alhures, o novo-rico orgulhoso e cheio de si é vítima das zombarias; torna-se o

joguete de uma sociedade que em vão se esforça por imitar. O ouro e as grandezas não lhe deram a elegância e o espírito do mundo. Desprezado e invejado por aqueles em cujo meio nasceu, muitas vezes é isolado e infeliz no meio de seu fausto.

Como vedes, nem tudo é agradável nessas ascensões súbitas, sobretudo quando atingem tais proporções. Para esse jovem, esperamos, em razão de suas excelentes qualidades, que saberá gozar em paz as vantagens que lhe proporcionou sua ação, e evitar as pedras de tropeço que poderiam retardar sua marcha no caminho do progresso.

Moki

Observação – Em falta de provas materiais sobre a exatidão dessa explicação, devemos convir que ela é eminentemente racional e instrutiva; e como o Espírito que a deu sempre se distinguiu pela gravidade e alto alcance de suas comunicações, consideramos esta como tendo todos os caracteres da probabilidade.

Com efeito, a nova posição de Kommissaroff é muito arriscada para ele, e seu futuro depende da maneira pela qual sofrerá esta prova, cem vezes mais perigosa que as desgraças materiais às quais a gente se resigna por força, ao passo que é bem mais difícil resistir às tentações do orgulho e da opulência. Quanta força ele não tiraria do conhecimento do Espiritismo e de todas as verdades que ensina!

Mas, como se pôde notar, as vistas da Providência não param naquele jovem. Sofrendo sua prova, e pelo próprio fato da prova, ele pode, pelo encadeamento das circunstâncias, tornar-se um elemento de progresso para o seu país, ajudando a destruição dos preconceitos de casta. Assim, tudo se liga no mundo, pelo concurso das forças inteligentes que o dirigem; nada é inútil, e as menores coisas em aparência podem conduzir aos maiores

resultados, e isto *sem derogar as leis da Natureza*. Se pudéssemos ver o mecanismo que nos ocultam a nossa natureza material e a nossa inferioridade, de que admiração não seríamos transportados! Mas se não o podemos ver, o Espiritismo, revelando essas leis, no-lo faz compreender pelo pensamento, e é por aí que nos eleva, aumenta nossa fé e nossa confiança em Deus, e combate vitoriosamente a incredulidade.

Um Sonho Instrutivo

Durante a última doença que tivemos no mês de abril de 1866, estávamos sob o império de uma sonolência e de um arrebatamento quase contínuos; nesses momentos sonhávamos constantemente coisas insignificantes, às quais não prestávamos a mínima atenção. Mas na noite de 24 de abril a visão ofereceu um caráter tão particular que ficamos vivamente impressionados.

Num lugar que nada lembrava à nossa memória e que se parecia com uma rua, havia uma reunião de indivíduos que conversavam; nesse número só alguns nos eram conhecidos em sonho, mas sem que os pudéssemos designar pelo nome. Considerávamos a multidão e procurávamos captar o assunto da conversa quando, de repente, apareceu no canto de uma muralha, uma inscrição em letras pequenas, brilhantes como fogo, e que nos esforçamos por decifrar. Estava assim concebida: *“Descobrimos que a borracha enrolada sob a roda faz uma légua em dez minutos, desde que a estrada...”* Enquanto procurávamos o fim da frase, a inscrição apagou-se pouco a pouco e nós acordamos. Temendo esquecer estas palavras singulares, apressamo-nos em as transcrever.

Qual podia ser o sentido dessa visão, que nada, absolutamente, em nossos pensamentos e em nossas preocupações podia ter provocado? Não nos ocupando nem de invenções, nem de pesquisas industriais, isto não podia ser um reflexo de nossas

idéias. Depois, que podia significar essa *borracha* que, enrolada sob uma roda, fazia uma légua em dez minutos? Era a revelação de alguma nova propriedade dessa substância? Seria ela chamada a representar um papel na locomoção? Queriam pôr-nos no caminho de uma descoberta? Mas, então, por que se dirigir a nós, e não a homens especiais, em condições de fazer os estudos e as experiências necessárias? Contudo, o sonho era muito característico, muito especial, para ser arrolado entre os sonhos de fantasia; devia ter um objetivo; qual? É o que procurávamos inutilmente.

Durante o dia, tendo tido ocasião de consultar o Dr. Demeure sobre a nossa saúde, aproveitamos para lhe pedir que nos dissesse se o sonho apresentava algo de sério. Eis o que ele respondeu:

“Os numerosos sonhos que vos assediaram nestes últimos dias são o resultado do próprio sofrimento que experimentais. Toda vez que há enfraquecimento do corpo, há tendência para o desprendimento do Espírito; mas quando o corpo sofre, o desprendimento não se opera de maneira regular e normal; o Espírito é incessantemente chamado ao seu posto; daí uma espécie de luta, de conflito entre as necessidades materiais e as tendências espirituais; daí, também, interrupções e misturas que confundem as imagens e as transformam em conjuntos bizarros e desprovidos de sentido. O caráter dos sonhos se liga, mais do que se pensa, à natureza da doença. É um estudo a fazer, e os médicos aí encontrarão muitas vezes diagnósticos preciosos, quando reconhecerem a ação independente do Espírito e o papel importante que representa na economia. Se o estado do corpo reage sobre o Espírito, por seu lado o estado do Espírito influi poderosamente sobre a saúde e, em certos casos, é tão útil agir sobre o Espírito quanto sobre o corpo. Ora, muitas vezes a natureza dos sonhos pode ser um indício do estado do Espírito. Repito que é um estudo a fazer, negligenciado até hoje pela Ciência,

que não vê em toda parte senão a ação da matéria e não leva em nenhuma conta o elemento espiritual.

“O sonho que me revelais, do qual guardastes uma lembrança tão nítida, parece-me pertencer a outra categoria. Ele contém um fato notável e digno de atenção; certamente foi motivado, mas presentemente eu não vos poderia dar uma explicação satisfatória; só poderia dar-vos a minha opinião pessoal, de que não estou muito seguro. Tomarei minhas informações em boa fonte, e amanhã vos comunicarei o que tiver aprendido.”

No dia seguinte ele nos deu esta explicação:

“O que vistes no sonho que me encarreguei de vos explicar não é uma dessas imagens fantásticas, provocadas pela doença; é, realmente, uma manifestação, não de Espíritos *desencarnados*, mas de Espíritos *encarnados*. Sabeis que no sono podemos nos encontrar com pessoas conhecidas ou desconhecidas, mortas ou vivas. Foi este último caso que se deu naquela circunstância. Os que vistes são *encarnados* que, de forma isolada e sem se conhecerem, ocupam-se de invenções tendentes a aperfeiçoar os meios de locomoção, anulando, tanto quanto possível, o excesso de despesa causada pelo desgaste dos materiais hoje em uso. Uns pensaram na borracha, outros em outros materiais; mas o que há de particular é que *quiseram chamar a vossa atenção*, como assunto de estudo psicológico, sobre a reunião, num mesmo local, de Espíritos de diversos homens, perseguindo o mesmo objetivo. A descoberta não tem relação com o Espiritismo; é apenas o conciliábulo dos inventores que vos quiseram mostrar, e a inscrição não tinha outra finalidade senão especificar, aos vossos olhos, o objetivo principal de sua preocupação, pois há alguns que procuram outras aplicações para a borracha. Ficai persuadido de que assim o é muitas vezes, e que quando vários homens descobrem ao mesmo tempo, quer uma nova lei, quer um novo corpo, em diferentes pontos do globo, seus Espíritos

estudaram a questão em conjunto, durante o sono e, ao despertar, cada um trabalha por seu lado, tirando proveito do fruto de suas observações.

“Notai bem que aí estão idéias de *encarnados*, e que nada prejulgam quanto ao mérito da descoberta. Pode ser que de todos esses cérebros em ebulição saia algo de útil, como é possível que só saiam quimeras. Desnecessário dizer que seria inútil interrogar os Espíritos a respeito; sua missão, como dissestes em vossas obras, não é poupar ao homem o trabalho das pesquisas, trazendo-lhe invenções acabadas, que seriam outros tantos estímulos à preguiça e à ignorância. Nesse grande torneio da inteligência humana, cada um aí entra por conta própria e a vitória é do mais hábil, do mais perseverante, do mais corajoso.”

P. – Que pensar das descobertas atribuídas ao acaso? Algumas não são fruto de nenhuma pesquisa?

Resp. – Bem sabeis que não existe acaso; as coisas que vos parecem as mais fortuitas têm sua razão de ser, pois se deve contar com as inumeráveis inteligências ocultas que presidem a todas as partes do conjunto. Se for chegado o momento de uma descoberta, seus elementos são divulgados por essas mesmas inteligências; vinte homens, cem homens passarão ao lado sem a notar; um só fixará a atenção. O fato, insignificante para a multidão, para ele é um rastro de luz; encontrá-lo não era tudo, o essencial era saber empregá-lo. Não foi o acaso que o pôs sob os olhos, mas os Espíritos bons que lhe disseram: Olha, observa e aproveita, se queres. Depois ele mesmo, nos momentos de liberdade de seu Espírito, durante o sono do corpo, pôde ser posto no caminho e, ao despertar, instintivamente, dirige-se ao local onde deve encontrar a coisa que, por sua inteligência, está chamado a fazer frutificar.

Não; não há acaso: tudo é inteligente na Natureza.

Visão Retrospectiva das Várias Encarnações de um Espírito

SONO DOS ESPÍRITOS

Pelo Dr. Cailleux

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de maio de 1866 – Médium: Sr. Morin)

Vosso bom acolhimento e as boas preces que fizestes em minha intenção obrigam-me a vos agradecer vivamente e vos assegurar o meu eterno devotamento. Desde a minha entrada na verdadeira vida, bem depressa me familiarizei com todas as novidades, com as suaves exigências de minha situação atual. Hoje me chamam de todos os lados, não como antigamente, para cuidar de corpos doentes, mas para trazer alívio às doenças da alma. A tarefa a desempenhar é suave e, com mais rapidez do que outrora chegava à cabeceira dos doentes, hoje atendo ao apelo das almas sofredoras. Posso mesmo, e isto nada tem de estranho para mim, transportar-me quase instantaneamente de um ponto a outro, com a mesma facilidade com que meu pensamento vai de um a outro assunto. O que é singular para mim é que eu o possa fazer!...

Meus bons amigos, devo vos falar de um fato espiritual que me acontece, e que venho submeter ao vosso julgamento, para que me ajudeis a reconhecer o meu erro, caso me tenha enganado em minhas apreciações a respeito. Médico em minha última encarnação, como sabeis, me entreguei com ardor aos estudos de minha profissão. Tudo quanto a ela se referia era para mim um assunto de observação. Devo dizer, sem orgulho, que tinha adquirido alguns conhecimentos, talvez em razão de nem sempre ter seguido ao pé da letra o caminho traçado pela rotina. Muitas vezes buscava no moral o que pudesse trazer uma perturbação no físico; talvez seja por isto que eu conhecesse um pouco melhor a minha profissão do que certos colegas. Enfim, eis o fato: há alguns dias senti uma espécie de torpor apoderar-se de meu Espírito e, a despeito de conservar a consciência do meu *eu*,

senti-me transportado no espaço; chegado a um lugar que para vós não tem nome, encontrei-me numa reunião de Espíritos que, em vida, tinham conquistado alguma celebridade pelas descobertas que haviam feito.

Lá, não fiquei pouco surpreendido ao reconhecer nesses antigos de todas as idades, nesses nomes de todas as épocas, uma semelhança perispiritual comigo. Perguntei-me o que tudo aquilo significava; dirigi-lhes as perguntas que me sugeria a minha posição, mas minha surpresa foi ainda maior, ouvindo-me responder a mim mesmo. Voltei-me, então, para eles e vi que estava só.

Eis as minhas deduções...

Dr. Cailleux

Nota – Tendo parado aí, o Espírito continuou na sessão seguinte.

A questão dos fluidos, que constitui o fundo dos vossos estudos, representou um papel muito grande no fato que eu vos assinalava na última sessão. Hoje vos posso explicar melhor o que se passou e, em vez de vos dizer quais eram as minhas conjecturas, posso dizer o que me revelaram os bons amigos que me guiam no mundo dos Espíritos.

Quando meu Espírito sofreu uma espécie de entorpecimento, eu estava, a bem dizer, magnetizado pelo fluido de meus amigos espirituais; por uma permissão de Deus, daí devia resultar uma satisfação moral que, dizem eles, é a minha recompensa e, além disso, um encorajamento para marchar num caminho que segue o meu Espírito desde um bom número de existências.

Eu estava, pois, adormecido num sono magnético-espiritual; vi o passado formar-se num presente fictício; reconheci

individualidades que haviam desaparecido ao longo do tempo, ou, melhor, que tinham sido apenas um indivíduo. Vi um ser começar uma obra médica; um outro, mais tarde, continuar a obra esboçada pelo primeiro, e assim por diante. Cheguei a ver em menos tempo do que levo a vos dizer, de idade em idade, formar-se, crescer e tornar-se ciência, o que, no princípio, não passava dos primeiros ensaios de um cérebro ocupado em estudos para o alívio da Humanidade sofredora. Vi tudo isto e só me reconheci quando cheguei ao último desses seres que, sucessivamente, haviam trazido um complemento à obra. Aí tudo se desvanece e torno-me o Espírito ainda atrasado do vosso pobre doutor. Ora, eis a explicação. Não vo-la dou para me envaidecer; longe disso; mas, antes, para vos fornecer um assunto de estudo, falando-vos do sono espiritual que, sendo elucidado por vossos guias, só me pode ser útil, pois assisto a todos os vossos trabalhos.

Nesse sono vi os diferentes corpos que meu Espírito animou desde um certo número de encarnações, e todos trabalharam a ciência médica sem jamais se afastarem dos princípios que o primeiro havia elaborado. Esta última encarnação não era para aumentar o saber, mas simplesmente para praticar o que ensinava a minha teoria.

Com tudo isto fico sempre vosso devedor; mas, se o permitirdes, virei pedir-vos lições e, algumas vezes, dar minha opinião pessoal sobre certas questões.

Dr. Cailleux

ESTUDO

Há aqui um duplo ensinamento: primeiramente há o fato da magnetização de um Espírito por outros Espíritos, e do sono daí resultante; e, em segundo lugar, da visão retrospectiva dos diferentes corpos que ele animou.

Há, pois, para os Espíritos uma espécie de sono, o que é um ponto de contato a mais entre o estado corporal e o estado espiritual. Trata-se aqui, é verdade, de um sono magnético; mas existiria para eles um sono natural semelhante ao nosso? Isto nada teria de surpreendente, quando se vêem ainda Espíritos de tal modo identificados com o estado corporal que tomam seu corpo fluídico por um corpo material, que crêem trabalhar como o faziam na Terra e que sofrem fadiga. Se sentem fadiga, devem experimentar a necessidade de repouso, e podem crer que se deitam e que dormem, como acreditam que trabalham e viajam em estrada de ferro. Dizemos que eles crêem, para falar do nosso ponto de vista; porque tudo é relativo e em relação à sua natureza fluídica a coisa é tão real quanto o são para nós as coisas materiais.

Apenas os Espíritos de ordem inferior têm semelhantes ilusões; quando menos adiantados, mais o seu estado se aproxima do estado corporal. Ora, este não pode ser o caso do Dr. Cailleux, Espírito avançado, que se dá conta perfeitamente de sua situação. Mas não é menos verdade que teve consciência de um entorpecimento análogo ao sono, durante o qual viu suas diversas individualidades.

Um membro da Sociedade explica o fenômeno desta maneira: No sono humano, só o corpo repousa, mas o Espírito não dorme. Deve dar-se o mesmo no estado espiritual; o sono magnético, ou outro, não deve afetar senão o corpo espiritual ou perispírito, e o Espírito deve achar-se num estado relativamente análogo ao do Espírito encarnado durante o sono do corpo, isto é, conservar a consciência de seu ser. As diferentes encarnações do Dr. Cailleux, que seus guias espirituais queriam fazê-lo ver para sua instrução, puderam apresentar-se a ele como lembrança, da mesma maneira que as imagens se oferecem nos sonhos.

Esta explicação é perfeitamente lógica; foi confirmada pelos Espíritos que, provocando o relato do Dr. Cailleux, quiseram dar-nos a conhecer uma nova fase da vida de além-túmulo.

Questões e Problemas

ESTÁ NO AR

(Paris, 13 de maio de 1866 – Médium: Sr. Tail...)

P. – Quando alguma coisa é presentida pelas massas, geralmente se diz que está no ar. Qual a origem desta expressão?

Resp. – Sua origem, como a de uma porção de coisas de que não nos damos conta e que o Espiritismo vem explicar, está no sentimento íntimo e intuitivo da realidade. A expressão é mais verdadeira do que se pensa.

Esse presentimento geral à aproximação de algum acontecimento grave tem duas causas: a primeira vem das massas inumeráveis de Espíritos que incessantemente percorrem o espaço e que têm conhecimento das coisas que se preparam; em consequência de sua desmaterialização estão mais aptos a seguir o seu curso e lhe prever o desfecho. Esses Espíritos *roçam* incessantemente a Humanidade, comunicando-lhe os seus pensamentos pelas correntes fluídicas que ligam o mundo corporal ao mundo espiritual. Embora não os vejais, seus pensamentos vos chegam como o aroma das flores ocultas na folhagem, e vós os assimilais sem perceber. O ar está literalmente rasgado por essas correntes fluídicas, que por toda parte semeiam a idéia, de tal sorte que a expressão *está no ar* não só é uma figura, mas positivamente verdadeira. Certos Espíritos são mais especialmente encarregados pela Providência de transmitir aos homens o presentimento das coisas *inevitáveis*, com vistas a lhes dar um secreto aviso, e eles cumprem essa missão espalhando-se entre as criaturas. São como vozes íntimas, que retinem no seu foro interior.

A segunda causa deste fenômeno está no desprendimento do Espírito encarnado durante o repouso do corpo. Nesses momentos de liberdade ele se mistura aos Espíritos semelhantes, àqueles com os quais tem mais afinidade; penetra-se

de seus pensamentos, vê o que não pode ver com os olhos do corpo, relata a sua intuição ao despertar, como de uma idéia que lhe é toda pessoal. Isto explica como a mesma idéia surge ao mesmo tempo em cem lugares diferentes e em milhares de cérebros.

Como sabeis, certos indivíduos são mais aptos que outros para receber o influxo espiritual, quer pela comunicação direta dos Espíritos estranhos, quer pelo desprendimento mais fácil de seu próprio Espírito. Muitos gozam, em graus diversos, da segunda vista, ou visão espiritual, faculdade muito mais comum do que pensais, e que se revela de mil maneiras; outros conservam uma lembrança mais ou menos nítida do que viram nos momentos de emancipação da alma. Em consequência desta aptidão, têm noções mais precisas das coisas; não é neles um simples pressentimento vago, mas a intuição, e alguns o conhecimento da própria coisa, cuja realização prevêem e anunciam. Se se lhes pergunta como sabem, a maior parte não saberia explicar; uns dirão que uma voz interior lhes falou, outros que tiveram uma visão reveladora, e outros, enfim, que o sentem sem saber como. Nos tempos de ignorância, e aos olhos das pessoas supersticiosas, passam por adivinhos e feiticeiros, quando são apenas pessoas dotadas de mediunidade espontânea e inconsciente, faculdade inerente à natureza humana, e que nada tem de sobrenatural, mas que são incapazes de compreender os que nada admitem fora da matéria.

Essa faculdade existiu em todos os tempos, mas é de notar que se desenvolve e se multiplica sob o império de circunstâncias que incrementam a atividade do espírito, nos momentos de crise e quando da aproximação dos grandes acontecimentos. As revoluções, as guerras, as perseguições de partidos e de seitas sempre fizeram nascer um grande número de videntes e inspirados, que foram qualificados de iluminados.

Dr. Demeure

Observação – As relações do mundo corporal com o mundo espiritual nada têm de surpreendente, se se considerar que esses dois mundos são formados dos mesmos elementos, isto é, dos mesmos indivíduos, que passam alternadamente de um ao outro. Tal qual é hoje entre os encarnados da Terra, será amanhã entre os desencarnados do espaço, e reciprocamente. O mundo dos Espíritos, portanto, não é um mundo à parte, é a própria Humanidade despojada de seu invólucro material, e que continua sua existência sob uma nova forma e com mais liberdade.

As relações desses dois mundos, em contato incessante, fazem parte, pois, das leis naturais. A ignorância da lei que os rege foi a pedra de tropeço de todas as filosofias; é por falta de seu conhecimento que tantos problemas ficaram insolúveis. O Espiritismo, que é a ciência dessas relações, nos dá a única chave que os pode resolver. Graças a ele, quantas coisas já não são mistérios!

Poesias Espíritas

PARA TEU LIVRO

(Sociedade de Paris, 11 de maio de 1866 – Médium: Sr. V...)

Breve, criança, irás deixar
 O teto que te viu nascer,
 P'ra correr mundo e enfrentar
 Seus riscos, e talvez morrer
 Sem ter chegado ao teu destino.
 Ante o fugir à nossa instância,
 Tal como outrora, escuto o trino
 Da voz que te guiou na infância.

Ai, ai! meu filho, em teu caminho
 Logo talvez dificuldade
 Te ferirá a mão com espinho,
 Que venenoso de verdade
 Fará coxear teu pé ferido,

Mais de uma vez em tua sina.
Que importa, então! Mais longe erguido,
Seguirás luz que te ilumina,
A marchar sempre, sempre avante;
Sem tua pátria achar perdida,
Teu lugarejo, o lar distante,
E morrer sem chorar a vida,
Se tinhas que perdê-la um dia,
Pregando a todos por doutrina
A caridade, a fé mais pia,
Deveres só da lei divina;
Em toda parte erradicando
Falso saber, orgulho, egoísmo,
Que amortalhar estão tentando
O berço-luz do Espiritismo;
Em repetindo isso que a voz
De todos invisíveis mundos
Parece revelar-te a sós
Em seus murmúrios tão profundos;
Sofrendo um século grosseiro,
Que junta o insulto à injúria forte
Quando te chama feiticeiro,
Simples ledor da boa sorte;
Em perdoando-lhe o desdém,
Vai procurando, pela prece,
Os seus amigos pô-los bem
Em sua santa e humilde messe.

E eu disse: Parte, filho, adeus;
Tua tarefa é difícilima,
Mas crê e espera em teu bom Deus,
Ele a fará talvez fácilima.

Um Espírito poeta

Na sessão seguinte, de 18 de maio, o mesmo médium escreveu espontaneamente o seguinte:

Resposta a uma crítica a meus versos: *Para o teu livro*, feita um tanto levemente, sexta-feira última, por um desconhecido que aqui não vejo esta noite.

Numa misteriosa mata,
 Oculta na folhagem nata
 De lilás, todos os anos
 Na primavera ufanos
 Trinos se escutam de graciosa
 Toutinegra em canção chorosa.
 Do bosque vizinho
 Cada manhã vêm suaves
 Se colocar bem perto dela
 P'ra ouvir melhor o que revela
 Voz tão terna e acentuada,
 Com perfeição modulada,
 Com graça pura e indefinida.
 A multidão quase incontida
 Aplaudia a nobre diva
 Quando surge outro conviva,
 Um melro de plumagem negra
 De raiva a assobiar se alegre
 A monótona canção
 Que admirava sem razão.
 A toutinegra silencia,
 E diz-lhe, rindo, com ironia:
 Assobiais tão bem, tão bem deveis cantar.
 Não será um prazer então vos escutar?
 E o melro sem resposta, alou-se, foi-se embora.
 Por que? Adivinhai... Adeus! Vos deixo agora.

Alfred de Musset

A LAGARTA E A BORBOLETA

(Fábula do Espírito batedor de Carcassonne)

Paciente, a trabalhar num ramo de jasmim,
 Tremia uma lagarta, ao ver chegar-lhe o fim,
 Dizia: “Eu estou bem adoentada,
 Já nem digiro a folha de salada;
 Que pena tanta couve e apetite não tendo;
 E a pouco e pouco eu morrendo;
 Como é triste morrer! Bem melhor não nascer.
 Convém sem queixas me submeter;
 Outras depois de mim sulcarão terra preta.

– Mas tu não morrerás, diz-lhe uma borboleta;
Pois se me lembro bem, na mesma plantação
Contigo já vivi, sou tua irmã então;
Prepara-te o futuro um destino feliz;
Talvez um mesmo amor unir-nos Deus o quis.
Espera!... pois do sono é rápida a passagem.
Crisálida serás como eu em branda aragem;
Como eu poderás, com tão brilhantes cores,
Sorver o perfume das flores.”

A velha respondeu: “Impostura, impostura!
Nada fará mudar, eu sei, leis da Natura;
O espinheiro jamais poderá ser jasmim.
Em meus pobres anéis, juntas frágeis assim,
Que artista poderá neles asas fixar?

Louca, segue o teu caminhar.

– Lagarta, tens razão; limitado é o possível,
Exclama um caracol, em seus cornos, prazível.”
Zomba um sapo. Um vespão, cujo dardo se avulta,
A bela borboleta insulta.

.....
.....
Não; nem sempre é verdade o que ostenta luz farta
Sois cegos por obstinação,
Negando aos mortos alma, ó doutos sem razão,
Assemelhai-vos à lagarta.

Dissertações Espíritas

OCUPAÇÕES DOS ESPÍRITOS

(Sociedade de Paris, 16 de fevereiro de 1866 – Médium: Sr. Leymarie)

Fostes tão bons para comigo, senhores, tão corteses para com um recém-vindo, que ainda vos venho pedir alguns instantes de atenção.

Desde minha estada no mundo dos Espíritos, estou em condições de transmitir algumas observações que aproveitei, pois me dão a faculdade todo-poderosa de mudar completamente

minhas idéias adquiridas na última encarnação. Vou, pois, se mo permitirdes, comunicar algumas dessas reflexões, sugeridas pelas falsas idéias de certos detratores do Espiritismo.

Não é raro ouvir de todos os detratores: Mas os que fizeram a descoberta espírita bem poderiam informar-nos sobre o trabalho dos Espíritos, entrados na posse dessa famosa erraticidade. Têm um corpo correspondente ao nosso ou um corpo fluídico? Têm a ciência infusa? Sabem mais do que nós? Então, por que tanta comunicação terra-a-terra, num francês ordinário ao alcance de todo mundo? Mas o primeiro que chegar pode dizer outro tanto!...

E ainda acrescentam: mas esses Espíritos farsistas a que ginásticas se entregam em seus trapézios eternos? De que vivem? Com que se divertem? Mas se estão no ar ambiente, ocupados em nos ver fazer as coisas, não devem achar divertidas todas as nossas ações vis, todos os nossos pensamentos ridículos. Talvez estejam na contemplação eterna. E se vêem Deus, como é a Divindade? Que idéia podem nos dar de sua grandeza? Ai! Irrisão! repetem eles. E dizer que há gente que se diz sensata e acredita em todas essas quimeras!

Eu ouvia repetir essas idéias e, como os outros, ria ou lamentava amargamente os adeptos de uma doutrina que, segundo nós, levava à loucura. Muitas vezes me perguntei a razão de semelhante aberração mental no século dezenove.

Um dia encontrei-me livre como todos os meus irmãos terrenos e, chegando a este mundo, que me fizera dar de ombros tantas vezes, eis o que vi:

Conforme as faculdades adquiridas na Terra, os Espíritos buscam o meio que lhes é próprio, a menos que, não podendo estar desprendidos, estejam na noite, nada vendo nem ouvindo, nessa terrível espera que é bem o verdadeiro inferno do Espírito.

A faculdade que tem o Espírito desprendido de ir a qualquer parte por um simples efeito de sua vontade, permite que encontre um meio, onde suas faculdades possam desenvolver-se pelos contrastes e pelas diferenças das idéias. Quando da separação do Espírito e do corpo, é-se conduzido por almas simpáticas junto àqueles que vos esperam, prevendo a vossa chegada.

Naturalmente, fui acolhido por amigos tão incrédulos quanto eu. Mas como neste mundo tão ridicularizado, todas as virtudes estão em evidência, todos os méritos se manifestam, todas as reflexões são bem recebidas, todos os contrastes se transformam numa difusão de luzes. Chamado pela curiosidade a visitar grupos numerosos que preparam outras encarnações, estudando todos os lados que deve elucidar o Espírito destinado a voltar à Terra, fiz uma grande idéia da reencarnação.

Quando um Espírito se prepara para uma nova existência, submete suas idéias às decisões do grupo a que pertence. Este discute; os Espíritos que o compõem vão aos grupos mais avançados ou à Terra; procuram entre vós elementos de aplicação. O Espírito aconselhado, fortificado, esclarecido sobre todos os pontos poderá, doravante, se quiser, seguir seu caminho sem protestar. Terá em sua peregrinação terrena uma multidão de Espíritos invisíveis, que não o perderão de vista; tendo participado em seus trabalhos preparatórios, eles aplaudem os seus resultados, os esforços a vencer, a sua vontade firme que, dominando a matéria, lhe permitiu trazer aos outros encarnados um contingente de quitação e de amor, isto é, o bem, segundo as grandes instruções, segundo Deus, que as dita em todas as afirmações da Ciência, da vegetação, de todos os problemas, enfim, que são a luz do Espírito, quando sabe resolvê-las num sentido racional.

Pertencendo ao grupo de alguns sábios que se ocupam de economia política, aprendi a não desprezar nenhuma das faculdades de que tanto ri outrora; compreendi que o homem,

muito inclinado ao orgulho, recusa-se a admitir, mesmo sem estudo, tudo o que é novo e fora do seu gênero de espírito. Também me disse que muitos de meus antigos amigos seguiam caminho errado, tomando a sombra pela realidade. Todavia, segui o conjunto dos trabalhos da Humanidade, onde nada é inútil. Compreendi mesmo a grande lei da igualdade e da equidade que Deus derramou em todo o elemento humano e me disse que aquele que em nada crê, e que, não obstante faz o bem e ama os seus semelhantes, sem esperança de remuneração, é um Espírito nobre, muito mais nobre que muitos dos que, prevendo outra vida e crendo no progresso do Espírito, esperam uma recompensa. Enfim, aprendi a ser tolerante, vendo essas legiões de Espíritos entregues a tantos trabalhos diversos, multidão inteligente que pressente Deus e procura coordenar todos os elementos do futuro. Disse-me que o homem, esse pigmeu, é de tal modo orgulhoso que se ama e se adora, desprezando os outros, em vez de entregar-se aos grandes instintos e, sobretudo, às idéias sãs e conscienciosas que ensina a vida futura, desenvolvidas pelas idéias espiritualistas e, principalmente, pelo Espiritismo, esta lei magnífica que cada dia mais fortifica a solidariedade do mundo terrestre e o da erraticidade. É ele que vos inicia em nossos pensamentos, em nossas esperanças, em tudo quanto preparamos para o vosso adiantamento, para o fim desejado da geração que logo deve emigrar para as regiões superiores.

Obrigado. Até outra vez.

Gui...

Observação – Este Espírito, do qual demos notável comunicação na *Revista* de dezembro de 1865, era, em vida, um distinto economista, mas imbuído das idéias materialistas, e um dos zombadores do Espiritismo. Todavia, como era um homem adiantado intelectual e moralmente e buscasse o progresso, não demorou em reconhecer o seu erro e seu maior desejo foi trazer

seus amigos ao caminho da verdade. Foi na intenção destes que ditou várias comunicações. Por mais profunda e lógica que seja esta, vê-se que o mundo dos Espíritos ainda não lhe é perfeitamente conhecido. Equivoca-se quando diz que a geração atual em breve deve emigrar para as regiões superiores. Sem dúvida, no grande movimento regenerador que se opera, uma parte dessa geração deixará a Terra por mundos mais adiantados; mas, como a Terra regenerada será, ela própria, mais adiantada do que o é, muitos acharão uma recompensa aqui reencarnando. Quanto aos endurecidos, que aí são uma chaga, como estariam deslocados e constituiriam um entrave ao progresso, por perpetuarem o mal, terão de esperar em mundos mais atrasados que a luz se faça para eles. É o que resulta da generalidade das instruções dadas a respeito pelos Espíritos.

SUSPENSÃO DA ASSISTÊNCIA DOS ESPÍRITOS

(Douai, 13 de outubro de 1865)

Num grupo modelo, que punha em prática os deveres espíritas, notava-se com surpresa que certos Espíritos de escol, freqüentadores habituais, desde algum tempo se abstinham de dar instruções, o que motivou a seguinte pergunta:

P. – Por que os Espíritos elevados, que habitualmente nos assistem, comunicam-se mais raramente conosco?

Resp. – Caros amigos, há duas causas para este abandono de que vos queixais. Em primeiro lugar não é um abandono; é apenas um afastamento momentâneo e necessário. Sois como escolares que, bem instruídos e bem *dotados* de repetições preliminares, são obrigados a fazer os seus deveres sem o concurso dos professores; buscam na memória; espreitam um sinal, espiam uma palavra de socorro: nada vem, nada *deve* vir.

Esperais nossos encorajamentos, nossos conselhos sobre a vossa conduta, sobre as vossas determinações: nada vos

satisfaz, porque nada vos deve satisfazer. Fostes contemplados com ensinamentos sábios, afetuosos, encorajamentos freqüentes, cheios de amenidade e de verdadeira sabedoria; tivestes inúmeras provas de nossa presença, da eficácia da nossa ajuda; a fé vos foi dada, comunicada; vós a tomastes, raciocinastes, adotastes; numa palavra, como o escolar, fostes *dotados* para o *dever*. É preciso fazê-lo sem erros, com os vossos próprios recursos, e não mais com o nosso concurso. Onde estaria o vosso mérito? Não poderíamos senão repetir incessantemente a mesma coisa. Cabe-vos agora aplicar o que vos ensinamos. É preciso voar com as próprias asas e marchar sozinho.

Em dado momento, Deus fornece uma arma e uma força a cada homem, a fim de que estes continuem a vencer novos perigos. O momento em que uma força nova se lhe revela é sempre para ele uma hora de alegria, de entusiasmo. Então a fé ardente aceita toda dor sem analisá-la, porque o amor não conta as penas; mas depois destas instantaneidades, que são a festa, é preciso o trabalho, e o trabalho só. A alma acalmou-se, o coração abrandou-se e eis que chegam a luta e a provação; eis o inimigo; é preciso agüentar o choque; é o momento decisivo. Então, que o amor vos transporte e vos faça desprezar a Terra! É preciso que o vosso coração fique vitorioso dos vis instintos do egoísmo e do abatimento; é a prova.

Desde muito tempo vos temos advertido que teríeis necessidade de estreitar os vossos laços, de vos unir, de vos fortalecer para a luta. O momento é chegado, e nele já estais. Como ireis sustentá-la? Nada mais podemos fazer, do mesmo modo que o professor não pode soprar a composição ao aluno. Ganhará o prêmio? Isto depende do proveito que tiver extraído das lições que recebeu. Assim é convosco. Possuis um código de instruções suficientes para vos conduzir até um determinado ponto. Lede novamente essas instruções, meditai-as e não peçais outras antes de as ter aplicado seriamente, pois só nós somos os juizes; e quando

chegardes ao ponto em que elas forem insuficientes, em relação ao vosso progresso moral, nós bem saberemos dar-vos outras.

A segunda razão desta espécie de isolamento de que vos queixais é esta: muitos de vossos conselheiros simpáticos têm, junto a outros homens, missões análogas às que, de início, quiseram desempenhar junto a vós; e essa quantidade de evocações de que são objeto muitas vezes os desviam de serem assíduos em vosso grupo. Vossa amiga Madalena desempenha longe um mandato difícil, e suas solitudes, estando junto a vós, alcançam também aqueles a quem ela se sacrifica para salvar. Mas todo o vosso mundo vos voltará; em dado momento reencontrareis os vossos amigos reunidos como outrora, no mesmo pensamento de simpático concurso junto aos seus protegidos. Aproveitai esse tempo para o vosso melhoramento, a fim de que, quando vierem, eles possam dizer: estamos contentes convosco.

Pamphile, Espírito protetor

Observação – Esta comunicação é uma resposta aos que se queixam da uniformidade do ensino dos Espíritos. Se refletirmos no número de verdades que nos ensinaram, veremos que nos oferecem vastíssimo campo à meditação, até que as tenhamos assimilado e deduzido todas as suas aplicações. Que diriam de um doente que diariamente pedisse um novo remédio ao seu médico, sem seguir as suas prescrições? *Se os Espíritos não nos ensinam novidades todos os dias, com o auxílio da chave que nos puseram nas mãos, e das leis que nos revelaram, por nós mesmos aprendemos novidades todos os dias, explicando o que, para nós, era inexplicável.*

O TRABALHO

(Extraído do jornal espírita italiano *La Voce di Dio*
– Traduzido do italiano)

A medida do trabalho imposto a cada Espírito, encarnado ou desencarnado, é a certeza de ter realizado

escrupulosamente a missão que lhe foi confiada. Ora, cada um tem uma missão a cumprir: este, numa grande escala, aquele em escala menor. Entretanto, relativamente, as obrigações são todas iguais e Deus vos pedirá conta do óbolo posto em vossas mãos. Se ganhastes uma vantagem, se dobrastes a soma, certamente cumpristes o vosso dever, porque obedecestes à ordem suprema. Se, em vez de ter aumentado este óbolo o tivésseis perdido, é certo que teríeis abusado da confiança que o vosso Criador tinha depositado em vós; por isso, sereis tratado como um ladrão, porque tomastes e não restituístes; longe de aumentar, dissipastes. Ora, se, como acabo de dizer, cada criatura é obrigada a receber e dar, quanto mais, espíritas, tendes de obedecer a essa lei divina, tanto mais esforço deveis fazer para cumprir este dever perante o Senhor, que vos escolheu para partilhar seus trabalhos e vos convidou à sua mesa. Pensai, meus irmãos, que o dom que vos é dado é um dos soberanos bens de Deus. Não vos envaideçais por isto, mas envidai todos os esforços para merecer este alto favor. Se os títulos que poderíeis receber de um grande da Terra, se os seus favores são algo de belo aos vossos olhos, tanto mais vos deveríeis sentir felizes com os dons do senhor dos mundos; dons incorruptíveis e imperecíveis, que vos elevam acima de vossos irmãos e para vós serão a fonte de alegrias puras e santas!

Mas quereis ser os seus únicos possuidores? Como egoístas, quereíeis guardar só para vós tanta felicidade e alegria? Oh! não; fostes escolhidos como depositários. As riquezas que brilham aos vossos olhos não são vossas, mas pertencem a todos os vossos irmãos em geral. Deveis, pois, aumentá-las e distribuí-las. Como o bom jardineiro que conserva e multiplica suas flores, e vos apresenta no rigor do inverno as delícias da primavera; como no triste mês de novembro nascem rosas e lírios, assim estais encarregados de semear e cultivar em vosso campo moral, flores de todas as estações, flores que desafiarão o sopro do aquilão e o vento sufocante do deserto; flores que, uma vez desabrochadas em

seus pedicelos, não passarão nem jamais murcharão; mas, brilhantes e vivazes, serão o emblema da verdura e das cores eternas. O coração humano é um solo fértil em afeição e em doces sentimentos, um campo cheio de sublimes aspirações, quando cultivado pelas mãos da caridade e da religião.

Oh! não reserveis apenas para vós esses pedúnculos sobre os quais crescem sempre tão doces frutos! Oferecei-os aos vossos irmãos, convidai-os a vir saborear, sentir o perfume de vossas flores, a aprender a cultivar os vossos campos. Nós vos assistiremos, encontraremos regatos frescos que, correndo suavemente, darão força às plantas exóticas, que são os germes da terra celeste. Vinde! trabalharemos convosco, partilharemos vossa fadiga, a fim de que também possais acumular esses bens e deles fazer participar outros irmãos, em caso de necessidade. Deus nos dá e nós, reconhecidos por seus dons, os multiplicamos o mais possível. Deus nos incumbe da nossa própria melhoria e da dos outros; cumprimos nossas obrigações e santificaremos sua vontade sublime.

Espíritas, é a vós que me dirijo. Preparamos o vosso campo; agora agi de maneira que todos que necessitarem possam fruir largamente. Lembrai-vos de que todos os ódios, todos os rancores, todas as inimizades devem desaparecer diante de vossos deveres: instruir os ignorantes, assistir os fracos, ter compaixão dos aflitos, defender os inocentes, lastimar os que estão no erro e perdoar aos inimigos. Todas essas virtudes devem crescer em abundância no vosso campo, e deveis implantá-las nos dos vossos irmãos. Recolhereis uma ampla colheita e sereis abençoados por vosso Pai, que está nos céus!

Meus caros filhos, quis dizer-vos todas essas coisas, a fim de vos encorajar a suportar com paciência todos aqueles que, inimigos da nova doutrina, buscam vos denegrir e vos afligir. Deus

está convosco, não o duvideis. A palavra de nosso Pai celeste desceu ao vosso globo, como no dia da Criação. Ele vos envia uma nova luz, luz cheia de esplendor e de verdade.

Aproximai-vos, ligai-vos estreitamente a ele e segui corajosamente o caminho que se abre à vossa frente.

Santo Agostinho

Notas Bibliográficas

OS EVANGELHOS EXPLICADOS

Pelo Sr. Roustaing¹³

Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com a ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. As partes correspondentes às que tratamos em *O Evangelho segundo o Espiritismo* o são em sentido análogo. Aliás, como nos limitamos às máximas morais que, com raras exceções, geralmente são claras, elas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; por isso jamais foram assunto de controvérsias religiosas. Foi por esta razão que por aí começamos, a fim de ser aceito sem contestação, esperando, quanto ao resto, que a opinião geral estivesse mais familiarizada com a idéia espírita.

¹³ Os Quatro Evangelhos, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e em verdade pelos evangelistas, assistidos pelos apóstolos. Recolhidos e coordenados por J.-B. Roustaing, advogado na corte imperial de Bordeaux, antigo bastonário. – 3 vols. In-12. – Preço: 10 fr. 50. – Paris, Librairie centrale, 24, boulevard des Italiens. – Bordeaux, todos os livreiros.

O autor desta nova obra julgou dever seguir outro caminho; em vez de proceder por gradação, quis atingir o fim de um salto. Assim, tratou certas questões que não tínhamos julgado oportuno abordar ainda e das quais, por conseqüência, lhe deixamos a responsabilidade, bem como aos Espíritos que as comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de as sancionar ou as contraditar. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todo o caso, necessitam da sanção do controle universal, e, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.

Quando tratarmos destas questões, fá-lo-emos categoricamente. Mas é que então teremos recolhido documentos bastante numerosos nos ensinos dados *de todos os lados* pelos Espíritos, a fim de poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar *de acordo com a maioria*; é assim que temos feito, toda vez que se trata de formular um princípio capital. Já dissemos cem vezes: Para nós a opinião de um Espírito, seja qual for o nome que traga, tem apenas o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma lógica rigorosa, para as coisas que não podemos controlar com os próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como verdade absoluta se, mais tarde, devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?

Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*. Nossas observações assentam sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que ele dá ao Cristo, em vez de um corpo carnal, um corpo fluídico

concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um *agêneré*. Aos olhos dos homens que então não tivessem podido compreender sua natureza espiritual, deve ter passado *em aparência*, expressão incessantemente repetida no curso de toda a obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, posto como premissa e pedra angular, é a base sobre a qual ele se apóia para a explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

Sem dúvida nada há nisso de materialmente impossível para quem quer que conheça as propriedades do invólucro perispiritual. Sem nos pronunciarmos a favor ou contra essa teoria, diremos que ela é, pelo menos, hipotética, e que se um dia fosse reconhecida errônea, faltando a base, o edifício desabaria. Esperamos, pois, os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem a prejudicar, diremos que já foram feitas sérias objeções a essa teoria, e que, em nossa opinião, os fatos podem perfeitamente ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal.

Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, em nada diminuem a importância desta obra, que, ao lado de coisas duvidosas, em nosso ponto de vista, encerra outras incontestavelmente boas e verdadeiras, e será consultada com proveito pelos espíritas sérios.

Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é para desdenhar e também concorre com algo para o sucesso. Acharmos que certas partes são desenvolvidas muito extensamente, sem proveito para a clareza. A nosso ver, se a obra se tivesse limitado ao estritamente necessário, poderia ter sido reduzida a dois, ou mesmo a um só volume, com isso ganhando em popularidade.

LA VOCE DI DIO

*A Voz de Deus, jornal ditado pelos Espíritos,
na Sociedade de Scordia, Sicília*¹⁴

A Itália conta uma nova publicação espírita periódica. Esta é exclusivamente consagrada ao ensino dos Espíritos. Com efeito, o primeiro número só contém produções mediúnicas, inclusive o prefácio e o discurso preliminar. Eis a lista dos assuntos tratados nesse número:

Prefácio, conselhos dados à Sociedade para a formação do jornal. – Discurso preliminar, assinado por Santo Agostinho. – Alegoria sobre o Espiritismo. – Reverberação da alma. – Previsões. – Arrependimento de um Espírito sofredor, conversa. – O trabalho. – A morte do Cristo. – A prece coletiva. Resposta a uma pergunta feita.

Todas essas comunicações trazem uma marca incontestável de superioridade, do ponto de vista da moral e da elevação dos pensamentos. Delas se pode fazer uma idéia por aquele sobre *O Trabalho*, que publicamos acima.

Os Espíritos terão, pois, *o seu jornal* e certamente não faltarão redatores. Mas, assim como entre os encarnados, aí os há de todos os graus de mérito. Contamos com o julgamento dos *editores* para uma escolha rigorosa entre essas produções de além-túmulo, que só terão a ganhar em clareza e interesse se, conforme as circunstâncias, forem acompanhadas de alguns comentários.

Allan Kardec

¹⁴ Pequeno in-8^o, edição mensal. – Preço para a Itália: 6 fr. por ano; 3 fr. por seis meses. Um número: 60 centavos. – Endereço: Al signor Dr. Giuseppe Modica, in Scordia (Sicília).